

Histórias de escolarização, histórias de pandemia: narrativas de alunos sobre o estudar em tempos pandêmicos

Schooling stories, pandemic stories: student narratives about studying in pandemic times

Historias escolares, historias de pandemias: narrativas de estudantes sobre estudiar en tiempos de pandemia

Recebido: 22/02/2022 | Revisado: 02/03/2022 | Aceito: 09/03/2022 | Publicado: 17/03/2022

Maria Aparecida Alves Zocolotto

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1569-4960>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, Brasil

E-mail: mariaalves_cv@hotmail.com

Caio Corrêa Derossi

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9762-7392>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, Brasil

E-mail: derossi.caio@gmail.com

Viviane Lima Martins

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6859-8139>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, Brasil

E-mail: viviane.martins@ifmg.edu.br

Resumo

O presente trabalho objetivou compreender e analisar as rotinas de estudos presencial e remota de alunos e alunas de uma turma de nono ano de ensino fundamental de uma escola pública municipal no contexto pandêmico. Nesse sentido, seguindo as lentes do aparato teórico-metodológico das narrativas (auto)biográficas na pesquisa educacional, o texto analisou as produções textuais de quatro estudantes. Dessa forma, seguiram-se as análises das narrativas, pensadas em dois blocos distintos: a rotina de estudo de forma remota e com o retorno presencial às escolas. Os apontamentos gerais indicaram as dificuldades do estudo no formato remoto, em razão da ausência das relações com os pares, os professores e a comunidade escolar, levando à ribalta uma reflexão da aprendizagem nos tempos pandêmicos.

Palavras-chave: Narrativas de estudantes; Pandemia; Retorno presencial.

Abstract

The present work aimed to understand and analyze the classroom and remote study routines of male and female students of a ninth grade elementary school class in a municipal public school in the pandemic context. In this sense, following the lenses of the theoretical-methodological apparatus of (auto)biographical narratives in educational research, the text analyzed the textual productions of four students. Thus, the analysis of the narratives followed, thought of in two distinct blocks: the study routine remotely and with face-to-face return to schools. The general notes indicated the difficulties of studying the remote format, due to the absence of relationships with peers, teachers and the school community, leading to a reflection on learning in pandemic times.

Keywords: Student narratives; Pandemic; Return in person.

Resumen

El presente trabajo tuvo como objetivo comprender y analizar las rutinas de aula y estudio remoto de estudiantes y alumnas de un curso de primaria de noveno grado de una escuela pública municipal en el contexto de una pandemia. En este sentido, siguiendo las lentes del aparato teórico-metodológico de las narrativas (auto) biográficas en la investigación educativa, el texto analizó las producciones textuales de cuatro estudiantes. Así, siguió el análisis de las narrativas, pensadas en dos bloques diferenciados: la rutina de estudio a distancia y con el regreso presencial a las escuelas. Las notas generales señalaron las dificultades de estudiar el formato remoto, debido a la ausencia de relaciones con los compañeros, los docentes y la comunidad escolar, lo que llevó a una reflexión sobre el aprendizaje en tiempos de pandemia.

Palabras clave: Narrativas de estudiantes; Pandemia; Retorno cara a cara.

1. Palavras Iniciais

A inspiração para construção do presente trabalho segue as produções de Maria da Conceição Passeggi e colaboradoras, estudiosas da pesquisa biográfica com crianças, em especial, a construção realizada por Passeggi et al. (2014). Além das justificativas pessoal e profissional dos autores do presente texto, em ouvir e em recontar histórias de escolarização dos alunos interlocutores dos processos de ensino-aprendizagem, a razão social evoca o quadro pandêmico que é outro motivo que mobiliza a reflexão do texto, visando também uma contribuição científica de pensar o potencial das narrativas, face à pesquisa educacional, em um cenário tão idiossincrático.

Pode-se afirmar que o movimento de produção científica que coloca a criança como centro das compreensões e análises são recentes, uma vez que, as perspectivas acerca das dinâmicas, dos sentidos e, principalmente, das representações e das perspectivas de ver o mundo, como aqui enfocadas a partir das narrativas, são emergentes nas últimas quatro décadas. Assim, desde os anos 90 do século XX, os estudos do campo da Sociologia das Infâncias marcaram a passagem do entendimento da criança como um pequeno adulto, um projeto futuro, um sujeito invisível para um ser com direitos, com subjetividades e com um presente. Logo, uma série de investigações se inserem nessa perspectiva, dentre elas, para citar algumas: Sarmiento e Vasconcelos (2007), Gouvêa (2008), Cruz (2008), Corsaro (2009), Muller e Carvalho (2009), Muller (2010) e Lee (2010), como exemplos.

A Assembleia Geral das Nações Unidas em 1989 homologou a Convenção sobre os Direitos da Criança, que como bem marcou Lee (2010), sinalizava para a garantia da centralidade das vozes desses sujeitos na proposição das políticas públicas e direitos sociais. Novamente, a perspectiva do vir a ser, da criança enquanto um projeto futuro, volta a ser tencionada, marcando a posição que a infância merece ser respeitada e resguardada em seus direitos. Por isso, o movimento realizado pela literatura observando os infantes como seres de direitos, contribuem tanto para uma revisão das investigações da área, quanto para cobrar, de forma vigilante, outras práticas e posturas das instituições sociais.

O presente artigo é uma produção fruto do Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido em um Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* com ênfase em Educação Básica de um Instituto Federal, realizado e orientado pelos autores do texto, que teve como questão mobilizadora: como os alunos têm aprendido e se relacionado durante o contexto de ensino remoto imposto pela pandemia? Dado tal questionamento, os excertos narrativos enfocados, trataram das rotinas escolares e educativas dos estudantes, principalmente no que tange o retorno presencial a escola e o momento de estudos de modo remoto. E como objetivo central: compreender e analisar as rotinas de estudos presencial e remota de alunos e alunas de uma turma de nono ano de ensino fundamental de uma escola pública municipal no contexto pandêmico, a partir de suas narrativas escritas.

Desse modo, partindo da questão mobilizadora e do objetivo, considerando as crianças enquanto sujeitos de conhecimento e de reflexão das próprias histórias, memórias e experiências, compartilhamos excertos das narrativas escritas produzidas pelas crianças participantes do trabalho, com uma interpretação acerca da temática da aprendizagem escolar e das histórias de vida no período da pandemia, com inspiração na investigação (auto)biográfica em educação. Nesse sentido, pretende-se refletir sobre as vozes das crianças acerca da temática enfocada, pensando nas dimensões macro e micro sociais de forma relacionada.

Em termos de organização do texto, ele está dividido em duas seções, excetuando-se as palavras finais e à guisa das considerações finais. A primeira traz apontamentos teórico-metodológicos acerca da pesquisa (auto)biográfica em educação, que orientou a realização dessa investigação, considerando o contexto pandêmico que vivemos. A segunda faz a apresentação e a contextualização dos sujeitos e do local de produção das narrativas, bem como os excertos das histórias compartilhadas pelos sujeitos, com os apontamentos interpretativos a partir do que foi descrito.

Destarte, o texto que fora construído a partir de uma perspectiva dialógica, considerou os elementos de subjetivação e socialização das crianças participantes da pesquisa acerca das aprendizagens e histórias das rotinas de estudo em contexto

pandêmico. Logo, o exercício proposto visibiliza, como marca das narrativas, os arranjos e as identidades singulares, com os contextos cultural e social que os indivíduos pertencem e constroem.

2. Aspectos Teórico-Metodológicos da Pesquisa

A presente seção trará aspectos teórico-metodológicos da pesquisa biográfica, bem como do contexto pandêmico e suas implicações macro e micro na dinâmica educacional. Para tanto, em um primeiro momento foram apontados alguns aspectos da pandemia e seus reflexos no campo educacional, com ênfase no campo da pesquisa, para posteriormente, pensar aspectos metodológicos de nossa pesquisa. Cumpre ressaltar que, se balizando por critérios éticos, o trabalho optou por não identificar o estabelecimento escolar, o município e os participantes da pesquisa. Para os últimos, foram criados nomes fictícios para a apresentação dos colaboradores do texto. O texto conta com a inspiração de apontamentos já realizados por Souza (2004), Gomes (2018) e Derossi e Ferreira (2020).

O presente texto retrata uma investigação de abordagem qualitativa, já que se concorda com Muyliaert *et al.* (2014) quando sinalizam que os interesses desse tipo de pesquisa é analisar e compreender os sentidos, os significados, as ações e as percepções dos indivíduos, inseridos em contextos sociais, espaciais e temporais. No mesmo sentido, André (2013, p. 97) afirma que

As abordagens qualitativas de pesquisa se fundamentam numa perspectiva que concebe o conhecimento como um processo socialmente construído pelos sujeitos nas suas interações cotidianas, enquanto atuam na realidade, transformando-a e sendo por ela transformados. Assim, o mundo do sujeito, os significados que atribui às suas experiências cotidianas, sua linguagem, suas produções culturais e suas formas de interações sociais constituem os núcleos centrais de preocupação dos pesquisadores. Se a visão de realidade é construída pelos sujeitos, nas interações sociais vivenciadas em seu ambiente de trabalho, de lazer, na família, torna-se fundamental uma aproximação do pesquisador a essas situações.

Desde março de 2020, cerca de 48 milhões de estudantes deixaram de frequentar as atividades presenciais nas mais de 180 mil escolas de ensino básico espalhadas pelo Brasil como forma de prevenção à propagação do coronavírus, dados de acordo com o último censo escolar divulgado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) do ano de 2019, e não foi diferente para os alunos da instituição de ensino municipal, localizada no interior do estado do Mato Grosso, *locus* de nossa investigação. Escola essa situada numa zona que divide a cidade em bairros populares e de classe média alta, advinda do setor agropecuário, atividade econômica predominante no município.

A presente escola foi criada em 03 de maio de 1995, recebeu o nome em homenagem de respeito e de gratidão a uma ilustre cidadã e bem feitora do município. No ano de 2020 contava-se matriculados 627 educandos do ensino fundamental II e neste ano um número de 608 educandos, divididos em 24 turmas, metade é atendida no período matutino e a outra no vespertino, segundo dados próprios da secretaria da instituição.

Ainda, conforme dados coletados nessa instituição, a mesma possui 34 professores, todos graduados em sua área específica de atuação e dentre eles alguns já receberam sua colação de mestrado. Já o setor administrativo é formado por uma gestora, duas coordenadoras pedagógicas e dois secretários administrativos. Enquanto a parte estrutural além das 12 salas de aula, possui também uma biblioteca com acervo adequado a faixa etária que atende, um laboratório de informática equipado com computadores e internet acessível e uma quadra poliesportiva.

Sendo um estabelecimento da Rede Municipal de Educação, privilegiada pelos seus municípios, os professores tiveram que rapidamente se adaptar a este novo estilo de trabalho, visto que em razão das medidas de contenção da disseminação do vírus, como o isolamento social, as relações com os alunos, interlocutores dos processos de aprendizagem, estavam dependentes da mediação por/com tecnologias digitais. Em um primeiro momento, visando oportunizar a continuidade dos

estudos, ofertou-se aos educandos uma apostila de pesquisa e exercícios, desenvolvida pelos próprios professores, para serem resolvidos e devolvidos, cuja foi considerada a medida mais democrática, uma vez que o acesso à internet é uma questão central nesse quadro. Posteriormente, vídeo aulas gravadas e momentos síncronos começaram a ser ofertados.

Apesar de todos os esforços dos profissionais da educação frente aos desafios impostos pela pandemia, percebe-se que esses novos formatos possuem limitações no que se referem às dinâmicas de aprendizagem dos estudantes, que retratam isso em suas narrativas sobre as rotinas de estudo. Nesse sentido, as desigualdades educacionais, as formas de exclusão e as injustiças sociais ficaram mais explícitas e latentes. Em 2021, com um plano de ação elaborado pela Secretaria Municipal de Educação houve o retorno das aulas presenciais sob o formato de ensino híbrido, que mescla os modelos presencial e remoto, com o intuito de amenizar os impactos nos processos educativos oriundos do ano de 2020.

Mas, o processo foi marcado por uma valorização dos conteúdos em detrimento do diálogo, desconsiderando os óbices enfrentados pelos alunos, durante o período remoto. Logo, é diante de tal contexto, sumarizado até aqui, com pontos de toque e de distanciamento do quadro global, realizou-se a presente pesquisa.

Em termos teórico-metodológicos, a proposição de pensar narrativas de crianças como um objeto de análise para um trabalho científico, se debruça em uma busca consciente de entendimento do que tais participantes, sentem, desejam e querem, como forma de firmar que quem narra revela dimensões pessoais e coletivas de si, põe em dúvida seus saberes e suas práticas e oferece um rico material para análise das reelaborações feitas pelos narradores sobre si próprios e demais situações.

Para Ricoeur (1994), a narrativa trata de ações humanas em um determinado contexto, clivado de outros fatores e interferências, que marcam intenções e desejos de quem narra e para quem é contado a história. Nesse sentido, para o autor (1994), a pessoa que compartilha sua narrativa impõe uma história com coesão e coerência próprias para ela. Tratando-se de crianças, o desenvolvimento das narrativas, tanto orais como escritas, ocorrem no seio familiar e na escola, mesclando aspectos particulares da interação com adultos e outras crianças, a inserção e a participação na cultura, bem como a necessidade de se colocar como agente e observador dos fatos que convivem.

Logo, o que se coloca em uma primeira instância, é que as narrativas que serão apresentadas na seção próxima, apresentam uma relação de reflexão de seus autores frente ao vivido, a experiência sentida, compartilhada, uma vez que explicita uma dualidade de representações reais, imiscuídas de suas percepções e de suas análises acerca do que se viveu, participou. Portanto, as narrativas aqui apresentadas e analisadas não são entendidas como fragmentos de uma verdade, mas sim, como uma reconstrução da experiência, como dispõe Larrosa (2010), o que justifica as indagações realizadas pelo campo educacional e por nossa pesquisa.

Realizado este primeiro momento para localizar que as narrativas possuem um caráter de reflexão própria de seus autores, passar-se-ão para as contribuições das narrativas e da pesquisa biográfica no campo educacional. A aposta no investimento de pesquisa com/sobre narrativas, (auto)biografias no campo das humanidades, corresponde a um exercício crítico e revisional de aspectos epistemológicos, indicado por Nóvoa (2000) como uma espécie de renovação das formas de produção do conhecimento. Ferrarotti (1988) na mesma direção, afirma que o movimento de emergência da abordagem narrativa liga-se a uma dupla exigência, de mudanças, nas técnicas e nos instrumentos de produção de dados nas investigações em Ciências Sociais. O outro fator foi a renovação de ramos do conhecimento, notadamente a Sociologia e a Antropologia, que começavam àquela altura, segunda metade dos anos 1970 e a década de 1980, questionar as perspectivas estruturalistas e voltar os olhares para as dimensões micro sociais. Cumpre destacar que as narrativas, as (auto)biografias, seriam elementos de ligação entre o singular e o social, marcando a mediação das estruturas e das conjunturas com aspectos da vida cotidiana, das memórias e das individualidades.

Esta mudança de entendimento do sujeito como protagonista das relações sociais, subverteu a ordem científica anterior que o caracterizava de forma causal e determinística, podendo integrá-lo então, como produtor e significante dos

espaços da sociedade que participa. Assim, Souza (2006) avalia que tal virada reverberou campos distintos do conhecimento, entre eles a educação, que se debruçaram com especial interesse nas relações cotidianas, memórias, representações, imaginários, saberes interligados às dinâmicas históricas, curriculares, de políticas públicas, de práticas e da profissionalização da docência, por exemplo.

Autores como Flick (2004), Silva e Pádua (2010), Bolívar (2014), Muyliaert *et al.* (2014), Rabelo (2011), entre outros que poderiam ser citados, já apontaram para os distintos usos da pesquisa narrativa no campo educacional, envolvendo professores também. Nesse sentido, Galvão (2005, p. 343) afirma que

A narrativa como processo de investigação, permite-nos aderir ao pensamento experiencial do professor, ao significado que dá às suas experiências, à avaliação de processos e de modos de atuar, assim como permite aderir aos contextos vividos e em que se desenrolaram as ações, dando uma informação situada e avaliada do que se está a investigar. Concepções, modos de praticar a profissão, conhecimento didático, significado de aprendizagens de formação, elaboração do conteúdo científico, são alguns exemplos de temáticas específicas passíveis de investigação por meio da narrativa, iluminativas de desenvolvimento profissional.

Em contexto internacional, sobretudo o europeu, com enfoque nas pesquisas educacionais, as (auto)biografias e as histórias de vida apresentam-se interligadas aos processos formativos dos professores. Obras como *Produzir sua vida: autoformação e autobiografia* de Gaston Pineau e Marie-Michèle, *O professor é uma pessoa*, de Ada Abraham e o livro organizado por António Nóvoa e Matthias Finger, *O método (auto)biográfico e a formação*, respectivamente dos anos 1983, 1984 e 1988, marcam a produção diversa sobre a vida dos professores, as formações e a profissão.

Pineau (2006) divide o processo de desenvolvimento das histórias de vida em três etapas: a primeira, nos anos 1980, corresponde à eclosão do movimento teórico; a segunda, nos anos 1990, corresponde para o autor um período de fundação e a terceira, nos anos 2000, é caracterizada pelo autor como estágio diferencial, de consolidação das pesquisas, em função também da organização de associações, de encontros, de produções científicas em periódicos e em livros, como marcas de organização do campo. O autor cita pesquisadores como António Nóvoa, Matthias Finger, Marie-Christine Josso, Pierre Dominicé, Guy de Villers, Guy Bonvalot, Bernadette Courtois e Franco Ferrarotti, como pertencentes a um primeiro ciclo de produção sobre as histórias de vida, com interface mais aproximada com as temáticas educacionais. Pineau também aponta a contribuição de outros autores que usaram as histórias de vida para outros ramos do conhecimento, como a de Edgar Morin para a Filosofia das Ciências, Carl Rogers e Bernard Honoré para a Psicologia, Gregory Bateson para a Antropologia e Michel Crozier, Erhard Friedberg para a Sociologia.

Nóvoa (2000) ainda destaca que muitas obras relacionaram os conceitos de experiência e de reflexão, junto às histórias de vida, entretanto o aporte teórico utilizado era prioritariamente o norte-americano, representado por John Dewey e Donald Schön, respectivamente. A respeito das interlocuções com as contribuições de Dewey et al. (2011) afirmam que o autor teve um protagonismo em sistematizar academicamente a categoria de experiência, outrora veiculada amplamente no senso comum. Os autores também destacam as contribuições nos estudos envolvendo as dimensões experienciais nas áreas da Antropologia, da Pesquisa Narrativa, da Psiquiatria e da Psicologia Organizacional, respectivamente.

Destarte, é possível observar uma miríade de investigações apresentadas principalmente nos contextos francófono e canadense, que embora compartilhem das perspectivas de uma pesquisa-formação, possuem distinções com relação aos referenciais teóricos e as questões norteadoras idiossincráticas ao campo disciplinar. Portanto, perante às variadas influências e interlocuções, pontuar-se-á alguns aspectos sobre a abordagem (auto)biográfica e narrativas em contexto brasileiro.

Souza (2006) destaca a década de 1990 como período de difusão das perspectivas teórico-metodológicas das investigações narrativas e de histórias de vida, principalmente no âmbito dos Programas de Pós-Graduação em Educação. O autor cita os trabalhos de relevo dos grupos de estudo e pesquisa Docência, Memória e Gênero da Faculdade de Educação da

Universidade de São Paulo (GEDOMGE/FEUSP) e do Educação e Imaginário Social da Universidade Federal de Santa Maria (GEPEIS/UFSM). Outro ponto elencado pelo autor como marcas da consolidação e articulação do campo, referem-se a realização a cada dois anos do Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA), que ocorre desde 2004 e é organizado pela Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (BIOGraph). Souza entende que as pesquisas que compreendem os processos formativos e as experiências a partir/com as histórias de vida no Brasil seguem a fortuna crítica europeia, tematizando as representações, as formações, os ciclos de vida da profissão. Portanto, mesmo sofrendo críticas veladas e/ou declaradas que questionavam o estatuto científico das pesquisas e do processo epistemológico, as pesquisas de história de vida acumulam nos mais de 30 anos de produção, uma fonte fortuita e rigorosa metodologicamente, para a reflexão sobre as dinâmicas de vida e de formação.

3. Resultados e Discussão: Narrativas das Crianças sobre Escola, Isolamento e Aprendizagem

A proposição da pesquisa foi ao encontro de compreender e analisar as rotinas de estudos presencial e remota de alunos e alunas de uma turma de nono ano de ensino fundamental de uma escola pública municipal no contexto pandêmico, a partir de suas narrativas escritas, interpretando-as com inspiração na investigação (auto)biográfica em educação. Desse modo, acredita-se que as narrativas escritas permitem ao narrador contar a história sobre acontecimentos relevantes de suas histórias e dos contextos os quais fazem parte.

Cabe salientar que todos os alunos matriculados nessas turmas foram convidados a participar da investigação, no entanto, em razão da viabilidade, da aderência a proposta e do recorte estabelecido, para o presente trabalho foram selecionadas um número de 4 narrativas para o estudo, que privilegiaram a presença feminina e a produção textual em si. Os excertos também preservaram, por opção dos autores, a forma original como os alunos escreveram. Ressalta-se também que as narrativas foram estimuladas por um eixo temático, a saber: a rotina de estudos durante a pandemia, pensando nos aspectos presencial e remoto. Mas, cumpre destacar que, a partir do momento em que o narrador começa a contar sua história, prioriza-se que ele próprio conserve a fruição da narrativa, portanto, sem intervenções sobre o texto escrito. O eixo temático serve como um estimulador para que a narrativa pudesse ser criada. Vale destacar também que as narrativas dos estudantes são destacadas em itálico e entre parênteses no corpo do texto.

Para preservar as identidades das crianças, participantes da investigação, elas receberam um nome fictício, escolhido de forma aleatória pelos autores do texto, que se repetirá durante a produção da pesquisa. O texto mesclará características subjetivas e objetivas para a caracterização dos sujeitos. Então, a primeira colaboradora é Luísa, uma menina muito dedicada aos estudos, extremamente organizada em suas anotações, atenta a toda explicação durante as aulas. Em sua ficha de matrícula seus responsáveis, pai e mãe, declaram que essa criança de cor parda, não tem irmãos, não participa de programas sociais e não é natural do presente município. Ela também se destaca por ser muito comunicativa e prestativa com professores e colegas. O Murilo, segundo participante, é um menino educado, gentil, participativo, faz desenhos incríveis e vem buscando a cada dia criar seu estilo personalizar seus traços artísticos. Analisando sua ficha de matrícula observa-se que os responsáveis, pai soldador e mãe do lar, declaram que a família é composta por 5 membros, a referida criança de cor parda, não participa de programas sociais do governo e também não é natural do município da pesquisa. Já a Maria Eduarda, é uma aluna novata na escola, veio do estado de Alagoas-Maceió, carrega um sotaque muito marcante em sua fala, é muito introvertida interage pouco com colegas e também com os professores, mas aparenta ser alegre pelo modo de se vestir e combinação de cores. Em sua ficha de matrícula a responsável, a mãe, declara não ser alfabetizada e assina o documento com o carimbo de sua digital. Seus responsáveis não apontam a cor pertencente da filha e dizem não receberem benefícios governamentais. Por fim, Heloísa, é uma menina doce, tranquila com uma voz suave que dificilmente se altera no tom, muita participativa e amiga de todos.

Verificando sua ficha de matrícula identifica-se que esta é filha única, declarada de cor branca, natural do município em estudo e os pais alegam serem autônomos e microempreendedores.

Ao analisarmos as narrativas escritas entendemos que elas são um modo de compreensão e de expressão da vida que está presente a voz e as intenções dos autores. Não se trata apenas de uma compreensão intuitiva do ensino, mas sim, de como os colaboradores organizam suas memórias, lembranças e pontos de vista. Nessa direção, essas narrativas escritas ocupam-se dos sentimentos, experiências e ações de crianças, em idade escolar, vivenciando um contexto totalmente atípico. E nelas percebemos que as ações humanas são singulares e se expressam através de narrações de questões particulares, proporcionando assim, sentido ao que fazem com o intuito de construir sua própria história no mundo. Dessa forma, para a organização do texto, apresentaremos os excertos das narrativas de todos os estudantes retratando o contexto do estudo remoto, e *a posteriori*, as primeiras impressões com relação a volta presencial das aulas. Em seguida, tecer-se-ão algumas análises indiciadas sobre as questões.

Luísa, com relação a rotina de estudos descreve que: *“O ano letivo de 2020 foi sem dúvidas, um dos mais difíceis, pois não tínhamos mais contato com as aulas explicativas dos nossos professores, recebíamos apostilas com atividades semanais, tínhamos aula online.”*

Já Murilo, destaca que com relação aos estudos à distância que: *“Durante a pandemia, os estudos estão sendo em casa, pois meus pais se preocupam com minha segurança, mesmo o ambiente escolar sendo protegido contra o vírus, eles optaram por não me mandar a escola, então as atividades estão sendo feitas por meio de apostilas e sendo entregues na secretaria da escola. Ainda com o assunto escolar, quero dizer que também sinto saudade dos meus colegas e professores, pois como não estou indo a escola, não posso vê-los”.*

Já Maria Eduarda apresenta que com relação a rotina de estudos durante a pandemia, realizada de maneira remota, apresentando outras perspectivas, para si, e para os demais sujeitos, a aluna escreve, respectivamente: *“Estudando durante a pandemia foi um aprendizado, pois soube que era capaz de estudar e aprender só”* e com *“Relação aos professores eu me senti mais especial, comecei a me sentir importante! Creio que não foram apenas os alunos que aprenderam, e sim vocês também professores.”* Heloísa, em consonância aos desafios supracitados pelos demais colegas, afirma que: *“Os meus estudos na pandemia ficaram um pouco complicado de entender o conteúdo, porque estudávamos por apostilas, mas não tínhamos explicação da matéria, então era difícil estudar.”*

Pensando em uma análise panorâmica, os alunos apontaram as dificuldades já indicadas no texto, com relação a uma nova forma de aprender e de socializar, em um contexto de isolamento necessário para a contenção do vírus. Para além de uma condição estrutural, as cores locais são retratadas, como o uso das apostilas e do posterior oferecimento das aulas gravadas e síncronas.

Fica também estabelecido a importância das relações com os pares e com os demais sujeitos para a aprendizagem e para os distintos desenvolvimentos. Isso é retratado também em uma óptica da ausência, da falta, dado pelo contexto remoto, como retrata Murilo, tanto em um véis oposto, como frisa Maria Eduarda. Em especial pelo seu momento de inserção, de ser uma aluna novata na instituição e na turma que já se conhecia ao longo dos anos pregressos, o contexto pandêmico revelou uma face, de estímulo a autonomia na proposição dos estudos, bem como a possibilidade de um relacionamento com os docentes, que gerou na participante em especial, um sentimento de acolhida. Outro ponto que Maria Eduarda sublinha e que é válido o destaque, é de uma posição de aprendizagem coletiva, não só dos estudantes ou dos professores como transmissores de conhecimento, mas sim, dos próprios docentes empreendendo novas relações e mediações com o trabalho, com as tecnologias e com as aprendizagens, reforçando ao fim, que o desenvolvimento da profissão é contínuo.

Heloísa, tal qual Luísa e Murilo, ressalta as dificuldades do ensino quando mediadas apenas por material apostilado, evidenciando assim, a importância dos papéis dos processos de aprendizagem facilitados pelos professores. No contexto local

da pesquisa, a primeira alternativa de distribuição de apostilas e exercícios, com um cronograma de entregas, foi uma primeira via, enquanto as adaptações burocráticas e tecnológicas não aconteciam. Ao fim, reafirma-se o entendimento de que os participantes explicitaram nos excertos, revelam em parte, o arranjo das memórias e dos entendimentos pessoais, acerca da rotina de estudo retratadas no contexto da pandemia.

Com relação a rotina de estudos, agora com a perspectiva de retorno presencial, Luísa afirma que *“Sobre mim, não pude voltar a estudar presencialmente na escola, até então porque na minha cidade onde moro, a pandemia está alta e, também por motivos de saúde, tenho bronquite asmática e, não só eu mas muitos não tiveram coragem de voltar presencialmente. Então, eu aproveito quando tinha oportunidade de ter aula on-line, para ver meus colegas e meus professores.”*

No mesmo sentido, Murilo assinala de modo análogo a Luísa que: *“A volta as aulas presenciais foi um choque para minha mãe, que provavelmente não tem a intenção de me liberar, talvez quando a vacinação do COVID-19 for liberada a todos.”* Maria Eduarda sinaliza uma perspectiva positiva do retorno, principalmente no que tange ao retorno do relacionamento interpessoal, no sentido que: *“Quando soube que voltaríamos as aulas presenciais, fiquei feliz por mim e pelas pessoas que iriam encontrar seus amigos novamente. Sei que está sendo difícil este ano, sei que poderemos e vamos vencer esta pandemia, pois juntos somos mais fortes.”* Já Heloísa, retratou, ainda que com algumas dificuldades, a possibilidade positiva do retorno das aulas presenciais: *“Em abril as aulas presenciais voltaram, mas quando eu iria voltar eu peguei covid, então eu só voltei na metade de abril, mas é muito melhor para conseguir estudar. Agora a nossa sala está dividida em duas para não aglomerar.”*

Refletindo a partir de uma mirada holística sobre as questões do retorno as aulas, os elementos idiossincráticos da saúde dos participantes, são elementos que sobressaltam a análise, em especial atenção pelo contexto vivido, de pandemia de um vírus respiratório, no qual uma comorbidade pré-existente, no citado sistema, já é um fator de risco aumentado em caso de exposição. Esse medo, esse receio presente nos sujeitos, inflado ou não, por questões particulares, revela também uma face coletiva e familiar, de preocupação com o outro, mas também, de um investimento familiar, que passa pela preservação da vida e pelas garantias da formação, embora as dificuldades já postas. Outro indício que é significativo para a análise, é a postura não negacionista com relação a relevância da vacinação, como medida central para o controle da doença e da marcação de um horizonte mais positivo, quando está em jogo o retorno das atividades presenciais.

Maria Eduarda sublinha uma perspectiva já marcada *a priori*, do contato interpessoal com os sujeitos. Para além de um consenso geral do desenvolvimento e da aprendizagem com relação ao outro, no caso específico, a acolhida de alunos e de professores dada a ela em contexto remoto, agora se concretizaria em um novo contexto, de contato, mesmo que mediado, distanciado, com os pares e os docentes. Para a aluna, também pode se inferir que, o retorno presencial impacta também na continuidade de um caminho positivo e autônomo nos estudos, a ser potencializada pela relação com os demais sujeitos no espaço escolar.

Heloísa, de forma aproximada com Luísa, em um aspecto da saúde, destaca uma limitação que passou, só que nesse caso, por um tempo reduzido, que impediu a volta imediata ao retorno presencial, que faz muito sentido, no contexto pandêmico. Entretanto, com os demais, sinalizou de modo positivo, a perspectiva presencial de ensino, focando que pensa ser uma forma mais exitosa de se galgar êxito nos estudos, evidenciando também as medidas de isolamento, mesmo no momento presencial, para garantir a seguridade sanitária da realização das atividades. Logo, novamente ficam explícitos os arranjos pessoais realizados pelos sujeitos, que destacam pontos considerados por eles marcantes, dentro da lógica das narrativas que compartilham.

É importante sublinhar que o período que vivemos suscitou e desperta ainda inúmeros espaços de discussão e produções acerca da educação na pandemia, sob distintas óticas. Em consonância com as produções de Grossi, Minoda e

Fonseca (2020), Pereira et al. (2020), Pereira e Barros (2020) e Souza (2020), para citar algumas, nosso trabalho propõe uma contribuição para pensar os processos educativos durante o tempo pandêmico, que exigiu de toda comunidade escolar adaptações e novas demandas de trabalho. No que concerne aos estudos dos alunos, pontos de toque podem ser generalizados em distintos contextos, quando são pensados as dificuldades dos estudantes no período remoto, a ausência das relações interpessoais com os colegas, bem como o misto de cautela e ânimo com o retorno presencial paulatino.

4. À Guisa das Considerações Finais

O presente trabalho objetivou compreender e analisar as rotinas de estudos presencial e remota de alunos e alunas de uma turma de nono ano de ensino fundamental de uma escola pública municipal no contexto pandêmico. A escolha pelas narrativas das crianças encaminha para o entendimento de que elas possuem autonomia para a reflexão sobre o vivido, o construído. Para tanto, em consonância com a perspectiva teórico-metodológica da pesquisa (auto)biográfica na educação, recolhemos as narrativas dos estudantes acerca de suas rotinas de estudo no contexto remoto e na volta presencial às escolas. A escolha de tal lente de análise encaminha em direção a uma abordagem qualitativa de se investigar, já que enfocamos os sentidos atribuídos pelos sujeitos aos fenômenos que produzem e são produzidos por eles, em contextos próprios que são recortados pelas memórias e desejos dos participantes.

As narrativas produzidas pelos quatro colaboradores do estudo foram feitas em prosa, em formato livre quanto ao gênero textual e as especificações de formato e temática, deixando que os alunos ficassem à vontade para narrar as próprias experiências e darem corpo ao recorte próprio das suas significações e das suas lembranças. Apenas foi dado um eixo temático, referente ao tema da rotina de estudos de modo remoto e com o retorno presencial, servindo de um estímulo para a produção dos textos.

Os colaboradores do texto foram selecionados em razão da aderência a proposição da pesquisa, bem como no sentido de potencializar vozes femininas e masculina, vislumbrando a presença dos dois gêneros, bem como refletindo os pontos de toque e de distinção entre os participantes, que além das singularidades, compartilham de elementos estruturais, macro sociais. Pensando nas considerações feitas pelos alunos, dividiu-se em dois blocos temáticos, com o intuito de organizar, apresentar e analisar excertos das narrativas compartilhadas. Nesse sentido, em um primeiro momento, apresentou-se as histórias dos alunos com suas rotinas de estudo de forma remota e, posteriormente, o que eles ressaltavam sobre o estudo, com o retorno presencial às escolas.

De modo panorâmico, os alunos se inclinam no sentido de levantar as dificuldades do estudo remoto, em razão do pouco contato com os professores e colegas, as limitações em razão ao uso e a mediação com a internet e com o material didático produzido. Embora as narrativas apresentem os óbices do período, de forma concomitante, os excertos narrativos concordam com a necessidade do distanciamento para o enfrentamento da pandemia, que forçou uma nova rotina não restrita apenas aos assuntos educacionais. Apesar das cores locais e singularidades dos espaços e dos participantes, as narrativas encaminham pontos de toque com a literatura produzida no período, indicando impressões semelhantes quanto aos desafios e desejos dos estudantes nos ensino remoto e presencial. Outro aspecto que pode ser destacado é que apesar da novidade e das demandas do período, é reconhecido que os desafios também mobilizam aprendizagens e modificações na ordem da rotina e do trabalho de todos os envolvidos no processo.

Já com relação ao retorno presencial, é ponto pacífico entre os estudantes que a volta é positiva, em razão de poder reencontrar os amigos, compartilhar do espaço escolar novamente, bem como ter um contato seguro e próximo com os professores. As narrativas dos estudantes são indiciadas para pensar as adaptações que a instituição escolar empreendeu para o retorno, bem como a preocupação com a saúde individual e coletiva, a valorização do ato de vacinação e a preocupação da família no investimento da escolarização e proteção dos filhos.

Destarte, o presente texto apontou considerações acerca da educação no período pandêmico, as contribuições da pesquisa narrativa, (auto)biográfica na educação, bem como trazemos elementos idiossincráticos dos participantes, apontando as relações entre as perspectivas macro e micro sociais. Portanto, com base nas histórias compartilhadas, os colaboradores da pesquisa assinalam positivamente para o retorno presencial das aulas como um fator que corrobora com os processos de aprendizagem, sendo também um consenso as dificuldades impostas a rotina de estudo no período remoto. Logo, o trabalho almejou contribuir para a reflexão do período que vivemos, apresentando um recorte de uma realidade produzida, que enseja a comparações e a análise de possibilidades para um horizonte possível, bem como para uma miríade de outras investigações.

Referências

- André, M. (2013) O que é um estudo de caso qualitativo em educação. *Revista FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, 22(40), 95-103.
- Bolívar, A. (2014). Las historias de vida del profesorado: voces y contextos. *Revista Mexicana de Investigación Educativa*, (62), 711-734.
- Clandinin, D. J & Connelly, F. M. (2011). *Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. EDUFU.
- Corsaro, W. A. (2009). Métodos etnográficos no estudo da cultura de pares e das transições iniciais na vida das crianças. In: Müller, F. (Org.). *Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com W. Corsaro*. Cortez, 83-103.
- Cruz, S. H. V. (Org.). (2008). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. Cortez.
- Derossi, C.; Ferreira, K. (2020). Apontamentos teóricos sobre as pesquisas (auto)biográficas e de histórias de vida e suas dimensões formativas e experienciais. *Margens*, 14(22), 25-38.
- Dominicé, P. (1988). A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos. In: Nóvoa, A. & Finger, M. (Org.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Departamento de Recursos Humanos/Ministério da Saúde. 99-106.
- Ferrariotti, F. (1988). Sobre a autonomia do método biográfico. In: Nóvoa, A. & Finger, M. (Org.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Departamento de Recursos Humanos/Ministério da Saúde. p. 17-34.
- Flick, U. (2004). As narrativas como dados. In: Flick, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. (2a ed.), Bookman.
- Galvão, C. (2005). Narrativas em educação. *Ciência & Educação*, 11(2), 327- 345.
- Gomes, V. (2018). *A gente é tão importante na vida dos alunos: a valorização docente em narrativas de professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 162f.
- Gouvea, M. C. S. (Orgs.). (2008). *Estudos da Infância: Educação e práticas sociais*. Vozes.
- Grossi, M. G. R., Minoda, D. de S. M. & Fonseca, R. G. P. (2020). Impacto da pandemia do covid-19 na educação: reflexos na vida das famílias. *Teoria E Prática Da Educação*, v. 23, (3), 150-170.
- Inep. *Censo Escolar da Educação Básica*. <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>.
- LARROSA, J. (2010). *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Autêntica.
- Lee, N. (2010). Vozes da criança, tomada de decisão e mudança. In: Müller, F. (Org.). *Infância em perspectiva. Políticas, Pesquisa e Instituições*. Cortez.
- Muyllaert, C. et al. (2014). Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 48(2).
- Müller, F. (Org.). (2010). *Infância em perspectiva*. Políticas, Pesquisa e Instituições, Cortez.
- Müller, F.; Carvalho, A. M. A. (Orgs.). (2009). *Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro*. Cortez.
- Nóvoa, A. & Finger, M. (Org.). (1988). *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Departamento de Recursos Humanos/Ministério da Saúde.
- Nóvoa, A. (2000). Os professores e as histórias de sua vida. In: Nóvoa, A. *A vida de professores*. Porto Editora. 11-30.
- Passaggi, M. da C., Fumaletto, E. C., De Conti, L., Chaves, I. E. M. B., Gomes, M. de O., Gabriel, G. L. & Rocha, S. M. da. (2014). Narrativas de crianças sobre as escolas da infância: cenários e desafios da pesquisa (auto)biográfica. *Educação*, 39(1), 85-104.
- Pereira, A. & Narduchi, F.; Miranda, M. (2020). Biopolítica e educação: os impactos da pandemia do covid-19 nas escolas públicas. *Revista Augustus*, 25(51), 219-236.
- Pereira, M. & Barros, E. (2020). A educação e a escola em tempos de Corona Vírus. *Scientia Vitae*, 9(28), 1-7.
- Pineau, G. (1988). A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: Nóvoa, A. & Finger, M. (Org.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Departamento de Recursos Humanos/Ministério da Saúde. 63-78.

- Pineau, G. (2006). As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. *Educação e Pesquisa*, 32(2), 329-343, maio/ago.
- Rabelo, A. O. (2011). A importância da investigação narrativa em educação. *Educ. Soc.*, 32(114), 171-188.
- Ricoeur, P. (1994). *Tempo e Narrativa*. Tomo I. Papyrus.
- Sarmento, M. J. & Vasconcelos, V. M. (Orgs.). (2007). *Infância (in)visível*. Junqueira & Marin.
- Silva, S. A. da & Pádua, K. C. (2010). Explorando narrativas: algumas reflexões sobre suas possibilidades na pesquisa. In: Campos, R. C. P. R. de. (Org.). *Pesquisa, Educação e Formação Humana: nos trilhos da História*. Autêntica.
- Souza, E. C. (2004). *O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 442f.
- Souza, E. C. (2006). A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. *Revista Educação em Questão*, 25(11), 22-39.
- Souza, E. P. de. (2020). Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. *Cadernos De Ciências Sociais Aplicadas*, 17(30), 110-118.